

Poesia contra o fascismo

Boletim de Arte n. 15 (maio 2025)



☒ Ouça Symphony No. 7 in C Major - Dmitri Shostakovich

[**Ouçá** a Sinfonia n. 7 em dó maior, op. 60, “Leningrado”, de Dmitry Shostakovich: I. Allegretto, composta em dezembro de 1941, inicialmente como uma dedicatória a Lenin e, posteriormente, em homenagem à cidade sitiada de Leningrado.]

Levante-se e seja ousada, assim como ela

Ela está no alto do Mamayev Kurgan, com vista para Stalingrado (hoje Volgogrado), empunhando uma espada enorme para o céu aberto. Com a boca entreaberta e a mão esquerda estendida, ela convoca o povo soviético para a batalha. *Rodina-mat' zovuyot!* [A pátria-mãe chama!] é uma figura de 85 metros projetada por Yevgeny Vuchetich para comemorar a vitória histórica em Stalingrado, construída em 1967 como a estátua mais alta do mundo na época. A Mãe Rússia personificada representa os 27 milhões de vidas soviéticas perdidas para derrotar o fascismo há 80 anos, talvez a verdadeira Estátua da Liberdade para os oprimidos do mundo. Durante a Segunda Guerra Mundial, ou Grande Guerra Patriótica (1941-1945), como era conhecida

na União Soviética, a voz da “Mãe” e da “Pátria” foi amplificada por meio de poesia, pinturas, cartazes e canções, inspirando coragem aos soldados na linha de frente e despertando a nação.



A estátua *A pátria-mãe chama* e a *Chama Eterna* em Mamayev Kurgan, Volgograd.

Uma dessas vozes foi a poeta Olga Bergholz, conhecida como a “Voz de Leningrado”, que lia poemas no rádio durante a Operação Barbarossa, o cerco de quase 900 dias da Alemanha nazista a Leningrado, que ceifou a vida de um terço da população da cidade. Seis meses após o início da ocupação, em meio a ataques aéreos de doze horas diários e sobrevivendo com meio pão por dia, Bergholz escreveu o poema “Conversa com um Vizinho” (1941):

Dariya Vlasievna, minha vizinha,
Vamos sentar e conversar, nós duas,
Vamos falar sobre os dias de paz,
A paz que todas nós tanto almejamos...

Ter sobrevivido à prisão deste bloqueio,
A morte pairando diariamente sobre nós,
De quanta força todos nós precisamos, vizinha,
De quanto ódio precisamos — e de quanto amor!...

O dia chegará...

E beberemos em goles lentos
 Taças de um vinho carmesim e brilhante.
 E para você — para você eles construirão uma estátua
 E a colocarão na Praça Bolshoi;
 Em aço firme e imperecível,
 Sua forma caseira eles moldarão lá.

Assim como você era — mal alimentada, destemida,
 Em roupas rapidamente reunidas;
 Assim como você era sob fogo de artilharia
 Você cumpria seus deveres sem se deixar abater.

Dariya Vlasievna, por seu espírito
 O mundo inteiro será renovado.
 O nome desse espírito é Rússia.
 Então, levante-se e seja ousada, assim como Ela.

Apesar do cerco, segundo **um relato**, as pessoas buscavam consolo na poesia: “sedentos de cultura, os trabalhadores participam de uma noite literária organizada às pressas; sentam-se imóveis e absortos, ignorando as bombas caindo lá fora”. Assim como na obra de inúmeros poetas, as palavras de Bergholz visavam cumprir sua promessa de que “Ninguém é esquecido, nada é esquecido”. Talvez a estátua em Stalingrado seja a própria Dariya Vlasievna, ou qualquer uma das milhões de mulheres soviéticas que resistiram ao fascismo — mães, esposas, irmãs, filhas, soldadas e comandantes do Exército Vermelho, operárias e cientistas da linha de frente, enfermeiras e médicas, jornalistas e poetas — que não devem ser esquecidas.



Esquerda: Brigadas culturais soviéticas no Hospital de Evacuação n. 2386. Direita: Na linha de frente, por volta da década de 1940.

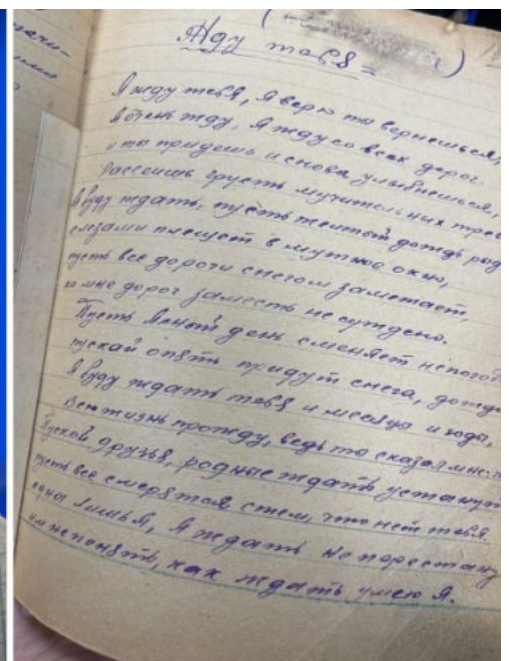
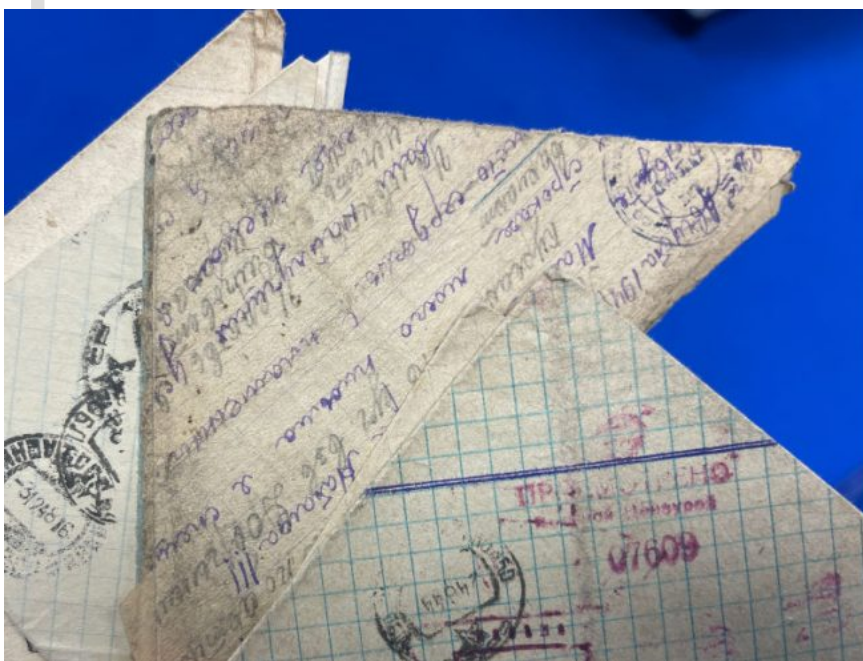
Quando a Alemanha nazista invadiu a União Soviética em 22 de junho de 1941, o Partido Comunista da

União Soviética mobilizou não apenas soldados, mas também trabalhadores literários. Em tempos de guerra, as palavras tornaram-se armas, assim como tanques e metralhadoras, para manter o ânimo dos soldados, honrar os mortos, elevar a consciência política, transformar a raiva em resistência e preservar a esperança. Respondendo a essa urgência, estavam poetas soviéticos de diversas nacionalidades, desde renomados trabalhadores literários a mães na retaguarda e jovens soldados rabiscando em pedaços de papel nas trincheiras. Membros da União dos Escritores Soviéticos foram designados como correspondentes de linha de frente, produzindo poemas e reportagens que apareciam diariamente nos jornais do Exército Vermelho, enquanto brigadas de poesia percorriam trincheiras, fábricas e hospitais. Para o renomado compositor Dmitry Shostakovich, a guerra deu origem a “uma ascensão colossal da criatividade nacional. A arte da Grande Guerra Patriótica foi um fenômeno estético e social, algo nunca antes visto!”

Para cada criança queimada nas chamas, para cada cidade arrasada – haverá retribuição

Entre os escritores soviéticos mais prolíficos da época da guerra estava Ilya Ehrenburg. Já uma escritora de renome internacional, serviu como correspondente de linha de frente do jornal do Exército Vermelho, *Krasnaya Zvezda* [Estrela Vermelha], e escreveu mais de mil artigos, além de ser vice-presidente do Comitê Antifascista Judaico. Nas primeiras semanas da guerra, escreveu *Liberdade ou morte* (5 de julho de 1941), no qual observou que a resistência contra o fascismo era uma defesa da cultura:

O povo soviético valoriza a cultura. Para eles, livros, pinturas e canções são o ar que respiram. O acesso às nossas escolas é aberto a todos. Entre nós, o conhecimento é para todos, assim como o sol é para todos. Temos orgulho de Tolstói. Nós prezamos nossos filhos, pois eles são os Pushkins e Tolstoys de amanhã... Sabemos o que está em jogo agora: nossa liberdade, nossa vida, nosso futuro. Defendemos o direito de respirar livremente. Defendemos a paz e a felicidade de nossos filhos.



Esquerda: Cartas de soldados do Exército Vermelho. Direita: “Estou esperando por você”, no diário de Piotr Yakovlevich Nosov.

Os escritos de Ilya e de muitos outros circularam amplamente pelas linhas de frente, dando coragem e esperança aos soldados do Exército Vermelho. Um desses soldados foi o Sargento Pyotr Yakovlevich Nosov, da Mordóvia, que manteve um **diário** detalhado com 590 páginas durante seus cinco anos de serviço ativo. Ele comentou sobre os escritos contemporâneos de Ehrenburg e, em um dos textos, copiou com sua elegante caligrafia cursiva um poema escrito em resposta a um dos poemas mais famosos da época da guerra — *Espera por mim!* (1941), de Konstantin Simonov. Dedicado a Valentina Serova, Simonov escreve:

Espera por mim e eu voltarei!
 Espera com todas as suas forças!
 Espera quando as chuvas amarelas e sombrias
 lhe disserem que nada está certo;
 Espera quando a neve estiver caindo depressa;
 Espera quando o verão estiver quente;
 Quando ninguém esperar por outros homens
 E todo o passado for esquecido!

Nos diários de Nosov, ele copiou os versos de “Estou esperando por você”, a resposta anônima a Simonov, que mais tarde foi transformada em uma canção do famoso cantor russo Alsu, que cantava: “Estou esperando por você, acredito que você retornará! Estou esperando por você de todos os lugares”. Oito décadas depois, os escritos dos soldados, especialmente os 6 bilhões de cartas enviadas durante a guerra, tornaram-se importantes documentos históricos. As cartas eram caracteristicamente dobradas em pequenos triângulos e enviadas gratuitamente das linhas de frente.

Nós, que ainda não somos livres, saudamos você que venceu o tirano

A derrota nazista pela União Soviética não foi apenas uma vitória desta nação, mas compartilhada por toda a humanidade. Inúmeros poemas ao redor do mundo foram escritos para elogiar a resistência soviética, intimamente ligada às lutas de libertação em todo o mundo. Talvez nenhuma batalha tenha cativado os corações e mentes dos povos do Terceiro Mundo mais do que a Batalha de Stalingrado. Em 17 de julho de 1942, o exército nazista rompeu as defesas soviéticas e cruzou o rio Don, determinado a capturar Stalingrado em uma semana. Seu método de blitzkrieg, que funcionou em tantas capitais europeias, não conseguiu derrotar o Exército Soviético, que, seguindo a diretiva “Nem um passo para trás!”, manteve-se firme por 200 dias e noites. Essa batalha sangrenta e decisiva, que levou à derrota final dos nazistas, custou a vida de 1 milhão de soldados soviéticos, centenas de milhares de civis e 1,5 milhão de soldados nazistas.



Esquerda: Cartaz “A pátria-mãe chama!” com um juramento militar. Direita: Bandeira da Vitória sobre a Praça dos Combatentes Caídos em Stalingrado, 1943.

Peter Blackman foi um dos escritores movidos pelo heroísmo soviético em Stalingrado. Vindo de Barbados e radicado na Grã-Bretanha, Blackman participou ativamente da Negro Welfare Association [Associação de Bem-Estar do Negro] e da League of Coloured Peoples [Liga dos Povos de Cor] antes de ingressar no Partido Comunista Britânico, trabalhando em estreita colaboração com movimentos pan-africanos e da classe trabalhadora. Em seu poema “Stalingrado”, ele escreveu sobre as notícias da batalha que mobilizaram pessoas em todo o mundo — “o gaúcho espalhou sua revolta nos pampas”, “a dona de casa inglesa interrompeu seu trabalho doméstico” e “da Boa Esperança, os mineiros negros responderam”. Para Blackman, a sobrevivência de Stalingrado, “a estrela da esperança... espalhando sua chama”, tinha um significado histórico mundial para os povos oprimidos:

Agora a vida era certa
 Em breve todos os homens seriam livres
 Nova luz irrompeu sobre a África
 Nova força para seus povos
 Nova força derramada sobre a Ásia
 Nova esperança para seus povos.

Este poema foi distribuído por redes antifascistas, sindicais e pan-africanas da época, e foi publicado pela Associação de Escritores Progressistas e pelo Escritório de Informação Colonial, que o traduziram para boletins informativos em francês e árabe nas colônias. Décadas depois, ganhou uma segunda vida quando Robert Wyatt gravou uma música em 1981 com Blackman recitando o poema.«

Enquanto isso, enquanto vivia em semi-exílio como côsul do Chile na Cidade do México, o renomado poeta comunista Pablo Neruda escreveu “Canto de amor a Stalingrado” (1943) enquanto a batalha estava em andamento:

Guarda-me um pedaço de violenta espuma,
 guarda-me um rifle, guarda-me um arado,
 e que o coloquem em minha sepultura
 com uma espiga vermelha de teu estado,
 para que saibam, se há alguma dúvida,
 que morri amando-te e que me tens amado,
 e se não estive combatendo em tua cintura
 deixo em tua honra esta granada escura,
 este canto de amor a Stalingrado.

Este poema foi publicado em jornais de Buenos Aires à Cidade do México, onde foi colado em cartazes nos muros da cidade. Também foi traduzido por Ilya Ehrenburg para o russo como símbolo de solidariedade internacional oferecida ao povo soviético.



Poetas: Sarojini Naidu, Sean Blackman, Pablo Neruda e Carlos Drummond de Andrade.

Além dos comunistas, a resistência soviética cativou a imaginação de uma ampla gama de escritores. Carlos Drummond de Andrade, um dos poetas mais amados do Brasil, embora não conhecido por seus escritos políticos, escreveu o poema “Carta a Stalingrado”.

A poesia fugiu dos livros, agora está nos jornais.
 Os telegramas de Moscou repetem Homero.
 Mas Homero é velho. Os telegramas cantam um mundo novo
 que nós, na escuridão, ignorávamos.
 ...
 sinto-te como uma criatura humana, e que és tu, Stalingrado, senão isto?

Uma criatura que não quer morrer e combate,
 contra o céu, a água, o metal, a criatura combate,
 contra milhões de braços e engenhos mecânicos a criatura combate,
 contra o frio, a fome, a noite, contra a morte a criatura combate,
 e vence.

Da mesma forma, Sarojini Naidu, poeta e líder do Congresso Nacional Indiano, que trabalhou em estreita colaboração com Mahatma Gandhi, escreveu o poema *À União Soviética* (1941). Embora não fosse de esquerda, ela via os esforços de guerra soviéticos como profundamente vinculados à luta nacionalista anticolonial. Em seu poema, ela enalteceu a resistência soviética, escrevendo: “Brava terra da Rússia — salve!/Corações de nossos corações, suas tristezas suportamos com dor, suas vitórias abraçamos com orgulho” e ofereceu solidariedade — “Nós, que ainda não somos livres, saudamos a você que venceu o tirano”.

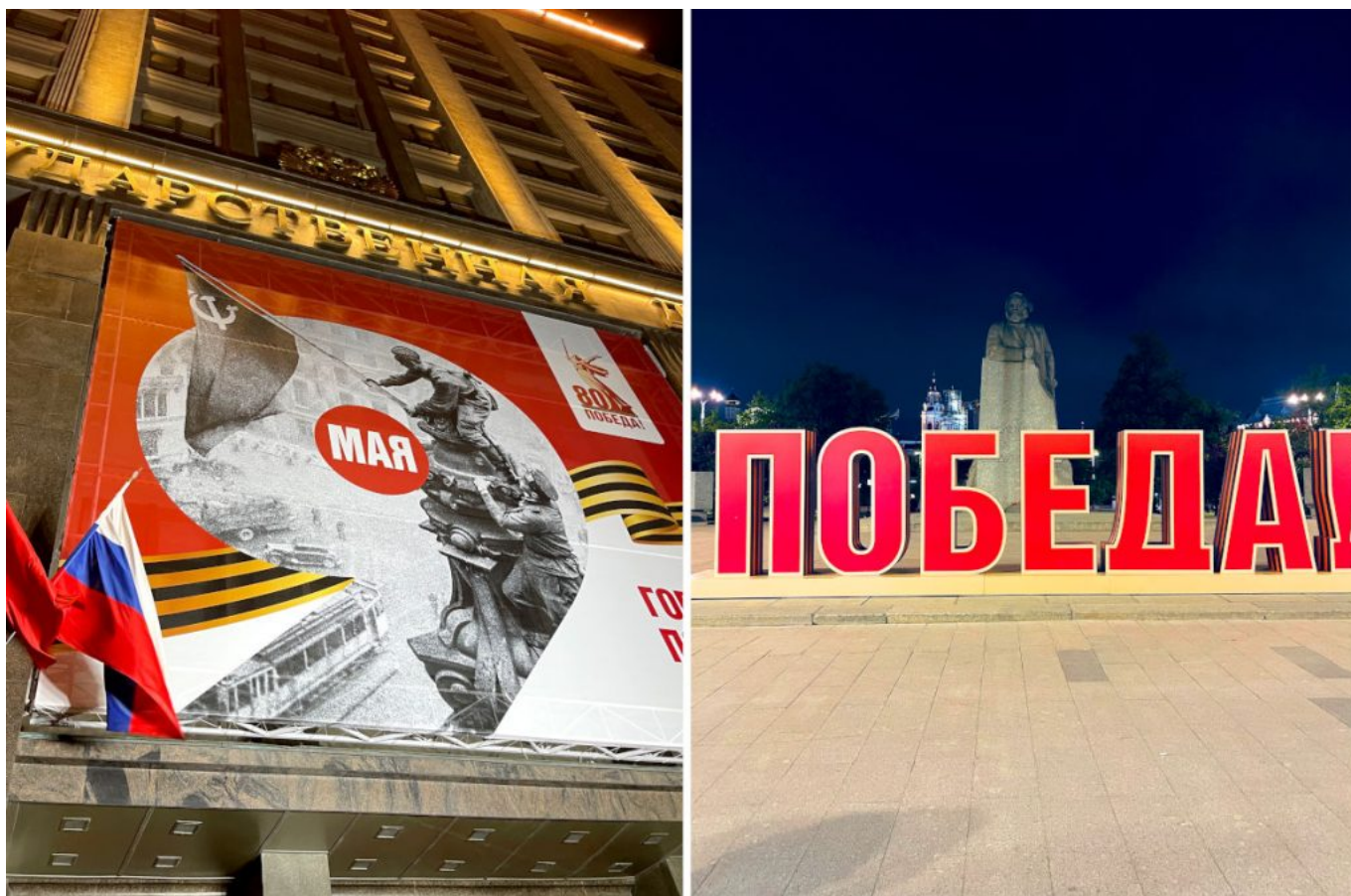
A história nos ensina que a luz sempre vencerá as trevas

Hoje, oitenta anos após a 150ª Divisão da Guarda de Rifles Motorizada ter hasteado a bandeira da União Soviética no Reichstag e assinado o Instrumento de Rendição Alemão, trava-se uma batalha pela memória dessa história. O presidente chinês Xi Jinping retomou essa questão em seu **artigo** para o aniversário:

Devemos manter uma perspectiva histórica correta sobre a Segunda Guerra Mundial. A China e a União Soviética foram os principais teatros dessa guerra na Ásia e na Europa, respectivamente. Os dois países serviram como pilar da resistência contra o militarismo japonês e o nazismo alemão, contribuindo de forma fundamental para a vitória da Guerra Mundial Antifascista (...) A história nos ensina que a luz sempre vencerá as trevas e que a justiça, em última análise, prevalecerá sobre o mal.

A guerra internacional antifascista foi vencida por muitos e a um custo humano inimaginável — em particular, os 27 milhões de soviéticos e os 20 milhões de chineses que morreram resistindo ao nazismo e à agressão japonesa. No entanto, hoje, especialmente nos países do Norte Global, essa história está sendo reescrita, à medida que cada vez mais pessoas **acreditam** que foram os Estados Unidos, com 418 mil soldados mortos, que desempenharam o papel mais vital na derrota do nazismo.

Assim como os poetas de guerra empunharam as palavras como armas contra o apagamento histórico, que possamos usar a palavra escrita para preservar o legado dessas milhões de vidas, hoje e para as gerações futuras. Como escreveu Nikolai Mayarov, poeta estudante que se tornou oficial de propaganda do Exército Vermelho e foi morto perto de Smolensk aos 22 anos: “E que não pensem que os mortos não ouvem/Quando seus descendentes falam deles”. Continuemos a falar deles.



Esquerda: Cartaz de 9 de maio. Direita: Estátua de Karl Marx na Praça Teatralnaya, Moscou.

Nos **retratos** deste mês em homenagem a revolucionários ao redor do mundo, prestamos homenagem a Karl Marx, que nasceu em maio de 1818. Na Praça Teatralnaya, em Moscou, a estátua de Marx ainda está de pé, embora não mais iluminada como durante a era soviética. No entanto, para o octogésimo aniversário do Dia da Vitória contra o fascismo, uma gigantesca placa foi erguida à sua frente com uma única palavra: “Pobeda!” [Vitória!].

Cordialmente,

Tings Chak
Diretora de Arte Instituto Tricontinental de Pesquisa Social